


■ DOSSIÊ - ARTIGOS

■ A transformação social dos sujeitos por meio da educação: reflexões e vivências no contexto escolar

The social transformation of subjects through education: reflections and experiences in the school context

 Analicélia Maria Gonçalves*
Luzirene do Rego Leite **

Recebido em: 21 dez. 2023
Aprovado em: 4 mar. 2024

Resumo: Este artigo científico apresenta uma pesquisa bibliográfica sobre as transformações sociais dos cidadãos provocadas pelo acesso à educação. Como essas mudanças podem ocorrer e qual a importância delas para a existência de cada indivíduo e do coletivo. Foram analisados estudos a partir da visão de autores consagrados como Paulo Freire, Stvan Mézaros, Moacir Gadotti, Edgar Morin, da Organização das Nações Unidas, do Comitê Nacional de Educação em Direitos Humanos, do Currículo em Movimento, entre outros, no intuito de contribuir para a influência da educação na vida dos estudantes, explorando a importância da inserção de assuntos relacionados à sua vivência, relações familiares, crescimento pessoal, amizade e a independência cognitiva, profissional e social, bem como apresentar a influência da educação para a transformação social e a promoção da autonomia na perspectiva de uma educação humanizada, inclusiva e equitativa. Para além da prática da educação capitalista, que não é transformadora sob o ponto de vista das classes menos favorecidas, procura apresentar projetos, metodologias e estratégias educacionais desenvolvidas pelo mundo em busca de melhorias e resultados positivos no processo educacional.

Palavras-chave: Educação. Transformação Social. Autonomia. Escola.

Abstract: This scientific article presents a bibliographical research on the social transformations of citizens caused by access to education. How these changes can occur and how important they are for the existence of each individual and the collective. Studies were analyzed from the perspective of renowned authors such as Paulo Freire, Stvan Mézaros, Moacir Gadotti, Edgar Morin, from the United Nations, the National Committee for Education in Human Rights, Currículo em Movimento, among others, with the aim of contributing for the influence of education on students' lives, exploring the importance of including subjects related to their experience, family relationships, personal growth, friendship and cognitive, professional and social independence, as well as presenting the influence of education for social and the promotion of autonomy from the perspective of a humanized, inclusive and equitable education. In addition to the practice of capitalist education, which is not transformative, which is not transformative from the point of view of the less favored classes, it seeks to present projects, methodologies and educational strategies developed around the world in search of improvements and positive results in the educational process.

Keywords: Education. Social Transformation. Autonomy. School.

* Analicélia Maria Gonçalves é professora de Língua Portuguesa da Secretaria de Educação do DF (2013-atual); Graduação em Língua e Literatura pela UEG; Pós-graduações: Língua e Literatura/UEG; Especialização em Educação Básica e Direitos Humanos na Perspectiva Internacional/UnB; Gestão e Orientação Educacional/FAMATEC; Docência do Ensino Superior/FAMATEC. Contato: analiceliamongoncalvesunbebdhi@gmail.com.

** Luzirene do Rego Leite é Doutora em Arte (UnB); Mestre em Arte e Tecnologia pela UnB; Especialista em Arte, Educação e Tecnologias Contemporâneas (UnB). Licenciada em Educação Artística com habilitação em Artes Cênicas pela Faculdade de Artes Dulcina de Moraes. Professora da Secretaria de Estado de Educação do Distrito Federal (1994 - atual). Pesquisadora no Grupo de Pesquisa Grupo de Estudos em Teatro do Oprimido GESTO/UFBA. Atua nas áreas de Educação, Educação Ambiental, Arte-Educação, Pedagogia do Teatro, Formação de Professores, Teatro do Oprimido e Sustentabilidade, com ênfase em Pedagogia do Teatro em Rede e Educação a Distância (EAD). Contato: luzirene.rego@gmail.com.

Introdução

A educação é a forma mais segura e concreta de mudar o meio no qual se vive. Desse modo, a transformação social por meio da educação foi o tema escolhido para deixar claras as prerrogativas que desenvolvem a capacidade do indivíduo, o crescimento psicológico e o senso crítico, assim como para permitir observar a realidade que o cerca de uma maneira nova, o que possibilita sua melhor interação no meio social.

O tema proposto pretende, além disso, evidenciar e esclarecer a colaboração da educação para a mudança crítica e significativa dentro do processo histórico de confrontos hegemônicos do capital, além de mostrar como a pedagogia pode ajudar na preparação para libertação com uma educação equitativa e de qualidade para a transformação social do indivíduo e sua autonomia.

Também se pretende abordar a relação entre educação e erradicação da pobreza, por meio de investimentos de órgãos como a Organização das Nações Unidas (ONU), além de projetos e políticas públicas voltadas para uma educação transformadora, humanística e exitosa.

Para que haja êxito na educação transformadora, é essencial tornar-se consciente no processo de aprendizagem, compreender que apenas uma ampla concepção de educação pode alcançar uma mudança verdadeira que rompa com a lógica mistificadora do capital. Se continuarmos entrando pelos ensinamentos institucionais formais, permaneceremos aprisionados dentro de um círculo vicioso e protegido pela lógica do capital, na qual o ensino é elitista.

O elitismo exclui a maioria da humanidade, tirando o direito do cidadão de ser sujeito autônomo, passando a ser mero objeto manipulado de uma suposta elite superior, ou seja, mantém o proletariado no lugar de objeto gerador de lucro, sem direito a perceber sua participação para a formação de um mundo, que conforme Gramsci (1957 apud Mészáros, 2005), é constituído pela contribuição de todos, pois “Não há nenhuma atividade humana da qual se possa excluir qualquer intervenção intelectual”. Porém sua posição é bifacetada, pois todo ser humano contribui para uma concepção de mundo predominante e tal contribuição pode gerar as categorias de processos de manutenção e de mudança. Não há uma categoria mais acertada, todo o processo dependerá de como as forças sociais defendem seus interesses nos processos intelectuais e econômicos de formação de cidadãos.

1. Educação formal e a hegemonia do capital

No processo histórico de confrontos hegemônicos e antagonísticos, o processo educacional pode atrasar ou apressar uma mudança significativa, processo esse que não pode ser expropriado, mesmo pelos mais espertos

agentes políticos e intelectuais. Nenhuma manipulação pode transformar o processo de visão geral do mundo de nossos tempos, porque ele depende do quanto os indivíduos estão conscientes dos antagonismos estruturais com dispositivos que funcionem como promotores da lógica do capital econômico e das classes dominantes.

Conforme Gadotti (2009), duas principais classes passaram a fazer parte da vida política do Brasil: os militares e os tecnoburocráticos. Paralelamente a essa situação, a economia aparecia ajustada ao tripé de organizações estatais, multinacionais e da burguesia industrial. A escola que dá apoio a esse modelo socioeconômico é a escola tecnicista, que prepara, de forma alienante, os cidadãos das classes socioeconômicas desfavorecidas, produzindo mão de obra barata.

Essa necessidade de transformar o modo de internalização prevalecente é indispensável para romper a lógica do capital. Felizmente, fora das instituições educacionais formais, vivemos o verdadeiro significado da aprendizagem ser a nossa própria vida. A concepção mais ampla de educação não pode ser manipulada, os indivíduos atingirão seus objetivos através de processos educacionais que comportam tudo, estão fora do âmbito do controle e da coerção de instituições formais e têm uma enorme importância não apenas nos nossos primeiros anos de formação, mas durante nossa vida toda.

Para uma educação realmente plena para a vida dos sujeitos, é preciso colocar em perspectiva a parte formal, a fim de instituir uma reforma radical, desafiando as formas dominantes de internalização consolidadas do sistema educacional favorável ao capital. Há a necessidade de uma atividade de contrainternalização, inesgotável ao negacionismo, coerente, concretamente sustentável à alternativa que já existe e completamente disponível ao povo.

Essa contraconsciência, descolonizada para Mészáros (2005), envolve as massas populares num empreendimento crítico, ativo e dinâmico, motivado pelos melhores interesses do povo, com práticas político-educacionais-culturais, uma educação emancipadora. Um processo, conforme José Martí (apud Mészáros, 2005), do começo ao fim sempre em aberto, transformador, que se mova em direção a um intercâmbio ativo, com práticas educacionais mais abrangentes.

Nessa perspectiva, os Pressupostos Teóricos do Currículo em Movimento do Distrito Federal surgem com a proposta de romper com uma educação reforçada das relações sociais capitalistas, além de recuperar a função social da escola de resgatar o protagonismo do estudante na produção do conhecimento.

Entretanto, a teoria não assume um referencial consistente, único e acaba sendo incompatível com as Teorias Crítica e Pós-Crítica na fundamentação

de suas escolhas nos documentos oficiais que nor-teiam a educação pública, como por exemplo, no Distrito Federal:

A intenção é de que o Currículo se converta em possibilidade de emancipação pelo conhecimento, seja ideologicamente situado e considere as relações de poder existentes nos múltiplos espaços sociais e educacionais, especialmente nos espaços em que há interesses de classes.

A discussão coletiva em torno do Currículo mostrou que este é realmente um campo de disputa, de relações de poder, de tensões e conflitos, de defesa de interesses diversos, às vezes antagônicos, descartando qualquer pretensão desta Secretaria em apresentar um currículo ideal, enquadrado perfeitamente numa única teoria e implementado rigorosamente numa perspectiva científico-racional (Distrito Federal, 2014, p. 22).

Na teoria crítica, é questionada a forma como o currículo é implementado nas instituições escolares, considerando o poder na e pela escola. Se o currículo pode ser reflexo dos grupos dominantes nos quais estão inseridos, quem vai direcionar a aprendizagem e com que intenção? Se é um grupo dominante, a intenção é manter-se no domínio. Onde estaria o poder mesmo? Na escola certamente não estaria, e sim nas mãos das classes dominantes.

Uma teoria crítica da educação precisa ter uma compreensão minuciosa para não correr o risco de ser parcial e, ao mesmo tempo, necessita expressar uma perspectiva emancipatória em relação às formas vigentes de dominação social. A educação precisa ser emancipadora. Assim teremos uma educação alternativa à ordem hegemônica vigente, romperemos a lógica do capital no seu próprio domínio e na sociedade de modo geral e alcançaremos a autonomia como indivíduo.

Para que todos atinjam autonomia, primeiramente precisamos realmente entender o conceito de inovação, no sentido de criar, apresentar mudanças e introduzir novidades, possibilidades e eventuais falhas ao se implantar um projeto educacional. Todas as mudanças tecnológicas e curriculares, juntamente com o processo de formação dos professores e a formação continuada são fatores essenciais para o sucesso de um projeto de inovação educacional.

Ao pensar o currículo, a SEEDF evitou o conceito mais tradicional com um conjunto de disciplinas/matérias e atividades desenvolvidas pela escola, relação de conteúdos delimitados e separados entre si, uma vez que procurou implementar o currículo de educação integral, para criar por meio da educação, condições para que as crianças, jovens e adultos se humanizem, apropriando-se da cultura, produto do desenvolvimento histórico humano, um currículo aberto em que os conhecimentos dialoguem entre si.

Com a ampliação de diálogos entre efetivos saberes, amplia-se o tempo, os espaços e as oportunidades, criando uma educação para a diversidade e tornando-se, assim, mais fácil atingir a consciência crítica e a cidadania. Um cidadão consciente dificilmente será manipulado.

2. Conquista, opressão e manipulação

Segundo Freire (1987, p. 78), “Todo ato de conquista implica num sujeito que conquista e num objeto conquistado.” Desde tempos remotos, as grandes navegações chegavam em uma nação e a subjugavam, o opressor obrigava o oprimido a seguir sua língua, suas leis, sua cultura. Isso não mudou muito, porém, agora o opressor está em todo canto, a toda hora, como classe dominante ditando comportamentos, moda, educação, cultura, manipulando para poder manter-se no poder. Milhões são investidos para que pessoas com alto poder aquisitivo permaneçam como donas da sociedade.

Quem, melhor que os oprimidos, se encontrará preparado para entender o significado terrível de uma sociedade opressora? Quem sentirá, melhor que eles, os efeitos da opressão? Quem, mais que eles, para ir compreendendo a necessidade da libertação? Libertação a que não chegarão pelo acaso, mas pela práxis de sua busca; pelo conhecimento e reconhecimento da necessidade de lutar por ela. Luta que, pela finalidade que lhe derem os oprimidos, será um ato de amor, com o qual se oporão ao desamor contido na violência dos opressores, até mesmo quando esta se revista da falsa generosidade referida (Freire, 1987, p. 31).

Como esses oprimidos poderão se emancipar e elaborar suas estratégias de libertação por meio da pedagogia, se são influenciados o tempo todo pelo opressor que dita as regras de forma antidialógica? Conquistar é sinônimo de opressão, o antidialógico é uma forma de se manter no poder. Para o oprimido, é necessário que ele se descubra primeiro como indivíduo, para fazer o enfrentamento. Somente com a percepção dos signos, letramento e leitura da realidade descobrem que não podem continuar sendo coisas sem consciência, oprimidos. Daí começa a revolução, assim partirão para, de algum modo, contribuir com uma educação libertadora, de qualidade, que os tire da condição em que se encontram, transformando a si mesmo e o seu meio.

Assegurar a educação inclusiva, equitativa e de qualidade e promover oportunidades de aprendizagem ao longo da vida para todos é o quarto objetivo da agenda 2030 da Organização das Nações Unidas (ONU) para o Brasil. Esses Objetivos de Desenvolvimento Sustentável (ODS)¹ vão desde garantias de acesso de todos à escola pública, eliminação das disparidades de gênero na educação, garantias de que todos os

alunos adquiram conhecimentos e habilidades necessárias para promover o desenvolvimento sustentável, entre outros, por meio da educação para o desenvolvimento sustentável e estilos de vida sustentáveis, direitos humanos, igualdade de gênero, promoção de uma cultura de paz e não violência, até a promessa de construir e melhorar instalações físicas para educação, apropriadas para crianças e sensíveis às deficiências e ao gênero, que proporcionem ambientes de aprendizagem seguros e não violentos, inclusivos e eficazes para todos, inclusive para a formação profissionalizante e incentivo ao empreendedorismo.

Tudo isso requer um esforço e trabalho coletivo dos envolvidos diretamente na política, dos detentores do capital, daqueles que fazem as leis e destinam recursos públicos para o desenvolvimento da educação. Essa parte é a mais difícil de ser cumprida, mas todos criam expectativas e trabalham para que haja um real investimento em educação, pois toda nação que quer se desenvolver precisa de políticas voltadas especificamente para a educação.

3. Transformação social do indivíduo e autonomia

Amadurecer é um processo contínuo, acontece aos poucos, com as experiências vivenciadas por cada indivíduo até perceber-se consciente de seu crescimento e aprendizagens, conforme Freire (2000) afirma:

Ninguém é sujeito da autonomia de ninguém. Por outro lado, ninguém amadurece de repente, aos vinte e cinco anos. A gente vai amadurecendo todo dia, ou não. A autonomia, enquanto amadurecimento do ser para si, é processo, é vir a ser (Freire, 2000, p. 55).

O amadurecimento é construído durante a formação do indivíduo como cidadão, mas é um processo que envolve todas as redes de formação, neste caso o papel da escola tem um peso na parte social, pois quando a escola se isola das práticas pedagógicas populares surgem classes sociais específicas. Por isso, é necessário que haja uma educação específica que seja feita pelo povo e para o povo. Mesmo que não queiramos admitir, há uma educação de classe popular e uma outra para o sistema dominante. A luta da educação pública é justamente se aproximar da educação para a sua classe, pois, para formar um cidadão crítico e com autonomia, ele deverá ter ciência sobre todas as classes, conhecimento e pertencimento à sua classe social.

A educação é uma forma de intervenção no mundo. Nesse sentido, Freire (2000) nos mostra que sempre haverá, por parte das classes dominantes, o poder e a vontade de imobilizar em vez de levar o verdadeiro conhecimento às classes operárias, porém disfarçam seus desejos dando uma suposta escolha aos dominados.

Do ponto de vista dos interesses dominantes, não há dúvida de que a educação deve ser uma prática imobilizadora e ocultadora de verdades. Toda vez, porém, que a conjuntura o exige, a educação dominante é progressista à sua maneira, progressista “pela metade”. As forças dominantes estimulam e materializam avanços técnicos compreendidos e, tanto quanto possível, realizados de maneira neutra (Freire, 2000, p. 51).

A educação da classe dominante é uma educação que condiciona o indivíduo a aceitar sua propriedade como parte da subclasse. Esse tipo de educação não é de fato transformadora, ela limita o indivíduo autônomo, dando-lhe apenas condições de sobreviver em um mundo dominado por uma porcentagem muito pequena detentora do controle da economia e de todas as áreas do lugar onde vive. Gadotti (1995), em *Pedagogia Diálogo e Conflito*, fala sobre essa dominação, principalmente na área da cultura e da educação.

Eu diria até que os problemas da educação brasileira já foram suficientemente equacionados pelos próprios professores e o que faltaria seria um projeto político novo, que não depende só dos educadores mas da sociedade como um todo. Como já disse o Paulo, o problema da pirâmide educacional poderia ser rapidamente resolvido por um governo revolucionário, por um governo que levasse a questão da cultura e da educação realmente a sério [...] Com isso chegamos ao tema mais geral deste último capítulo; a questão da relação entre educação e cultura. A maioria das perguntas que nos foram encaminhadas partem da constatação de que educação e cultura não são prioridades governamentais porque elas são empecilhos para a manutenção da dominação (Gadotti, 1995, p. 83).

A expectativa de mudança e as ações para que a transformação realmente aconteça como o próprio Gadotti (1995) diz, depende de um governo sério que realmente designe verba para educação e cultura de modo que os cidadãos possam ter acesso às mais diversas práticas pedagógicas para formação da sua consciência de classe e conseqüentemente mudança na sua autonomia intelectual e social.

Diariamente, podemos observar as transformações que a educação pode fazer na vida das pessoas. Para exemplificar essa realidade, citamos o filme mexicano *O Último Vagão* (2022), do diretor Ernesto Contreras. Nele aparecem personagens encantadores, como a professora Georgina, com dificuldades mas determinada a levar uma educação equitativa a seus alunos, que moram numa zona rural do México, entre eles Ikal, Valéria, Tuerto e Chico. As cenas são emocionantes e inspiradoras, como quando Ikal chega à cidade com sua família, faz amizade com outras crianças e é levado até a escola. Há momentos em que as lágrimas escorrem, quando Ikal diz à professora que será professor quando crescer. Em outro momento, Chico, personagem com ideias revolucionárias, mas sem qualquer condição social, consegue

levar todos ao circo. E há uma aula em que a professora pede que levem alimentos ou seres vivos, uma das cenas mais lindas. Com os nomes dos animais, ela incentiva as crianças, mostrando as qualidades daqueles seres e dizendo que as crianças também podem se adaptar, superar, ser o que quiserem. A pobreza extrema aparece em várias situações no filme, quando eles roubam comida na casa do patrão, quando não conseguem realizar sonhos simples, quando o pai de Ikal morre no trabalho, consertando a linha do trem, e eles têm que partir, deixando a escola para trás. Já adulto, Ikal muda de nome e o trabalho dele é fechar escolas em nome de um tal plano de desenvolvimento do governo. Quando a escola em que estudou aparece na lista das escolas a serem fechadas, Ikal, já sob o nome de Hugo, resiste, mas é obrigado a fazer o trabalho. Essa perspectiva mostra como o governo age em lugares pobres, não investindo em educação e com um falso plano de desenvolvimento, o que na verdade leva a refletir que os donos do capital só almejam uma coisa: o lucro.

Quando a escola vai fechar, ele, que chegou lá sem saber ler, mas começou a se desenvolver naquele ambiente, encontra Valéria, que lhe dá notícias dos amigos: um virou maquinista de trem, o outro morreu por não se dobrar aos padrões da sociedade desigual, a diretora morreu e Valéria assumiu a escola. Hugo não consegue cumprir a ordem de fechamento, assume a escola, passa a ser o professor das crianças, pois quer que elas tenham a mesma oportunidade que teve e suas vidas sejam transformadas como a sua foi. Enfim, uma história de superação que se repete todos os dias na vida de muitas crianças pobres pelo mundo, que têm suas vidas transformadas pela educação. O simples direito de ir à escola faz muita diferença na formação de um cidadão, pois o ajuda a desenvolver sua percepção de mundo, suas habilidades socioemocionais, além do ganho de altruísmo e conhecimentos. Itens esses muito importantes para a compreensão de direitos, mas também de deveres para sua atuação na transformação da sociedade.

4. Desigualdade e erradicação da pobreza

O século XX deixou alguns legados: a destruição ecológica, as armas, as guerras, a desigualdade social, a pobreza e a fome. Como superar tais legados? Tantas pessoas saindo de suas casas em busca de uma vida melhor em outra cidade, outro estado e até em outro país, mas nem sempre vão encontrar desenvolvimento e melhores padrões sociais, em muitos casos apenas a degradação humana lhes é reservada. A educação é a principal forma de construir e organizar uma sociedade sem tanta desigualdade. Para isso, é preciso pensar na valorização de todos os

membros da sociedade, desde as crianças nas escolas aos trabalhadores, na constituição de grupos estrategistas estruturados que possam enfrentar e superar a desigualdade social.

A ONU tem um papel importante nessa luta pelo fim das desigualdades sociais. Seus Objetivos de Desenvolvimento Sustentável são um apelo global à ação para acabar com a pobreza, proteger o meio ambiente, o clima e garantir que as pessoas, em todos os lugares, possam desfrutar de paz e de prosperidade. Erradicar até 2030 a pobreza extrema, reduzir pela metade pessoas de todas as idades que vivem na pobreza, implementar medidas e sistemas de proteção social adequados para todos. Garantir que todos, particularmente os carentes, tenham direitos iguais aos recursos econômicos, acesso a serviços básicos, propriedade, herança, recursos naturais, novas tecnologias e serviços financeiros. Garantir uma mobilização significativa de recursos de variadas fontes para países em desenvolvimento e que países menos desenvolvidos implementem políticas sociais, construir as resiliências dos pobres e daqueles em situação de vulnerabilidade, enfim, criar marcos políticos em níveis regional, nacional e internacional a favor da erradicação da pobreza.

Vários investimentos podem ser feitos em diversas áreas pelo mundo, mas o principal deles é o investimento em educação e nas suas estratégias inovadoras. Um exemplo de estratégia inovadora que pode ajudar na articulação desse objetivo de erradicar a pobreza é a Metodologia da Problematização, dividida em vários momentos. Essa metodologia parte da realidade do sujeito, cria o conflito cognitivo, cria uma situação na qual ele possa dar seu referencial, identificar prováveis mudanças e buscar os conhecimentos para intervir e mudar a própria realidade. Conforme o Grupo de Estudos em Ecopedagogia e Educação Popular (GEEEP)², essa metodologia assim se distribui:

Primeiramente, o aluno deve observar a realidade das pessoas e da comunidade a ser aplicada a metodologia, a partir daí levantar informações e conhecimento sobre os aspectos observados. Em posse dessas informações o aluno produz uma explicação primária (geralmente baseada no senso comum). Em seguida, realiza-se uma troca de informação e conhecimento com os professores e outros colegas, onde se compara a explicação primária às informações disponíveis geradas nessa troca. Nesse ponto, o aluno já é capaz de fazer uma síntese dessa nova compreensão e elaborar hipóteses de solução dos problemas observados. Por fim, a teoria resultante deve influir na práxis da realidade, com o objetivo de transformá-la, deve ter características culturais, pedagógicas e político-sociais (UEL, 2009, p. 3-4).

Outra metodologia é o Arco de Maguerez que, conforme Bordenave e Pereira (1989), é aplicada como um caminho de educação problematizadora, inspirado em

Paulo Freire e tem como ponto de partida a realidade, que, observada sob diversos ângulos, permite ao estudante ou pesquisador extrair e identificar os problemas existentes. O arco de Maguerez é composto de cinco etapas: observação da realidade (definição do problema); pontos-chave; teorização; hipóteses de solução e aplicação à realidade. Entretanto, é importante destacar que mudanças efetivas no ensino-aprendizagem não ocorrem rapidamente. Coutinho, Folmer e Puntel (2014) avaliam que:

[...] é necessário que haja uma uniformidade no discurso e na prática dos professores em sala de aula; aos alunos deve-se disponibilizar acesso aos mais variados tipos de materiais para a pesquisa; o professor precisa ter clareza do seu papel enquanto agente transformador da realidade e da sua prática em sala de aula. Os professores devem ter clareza das propostas de ensino da escola e dos objetivos e conteúdos de sua disciplina; maior conhecimento dos professores acerca da interdisciplinaridade; e não deve haver limite de temas para escolha dos alunos (Coutinho; Folmer; Puntel, 2014, p. 777).

Há vários outros exemplos a serem citados por mudarem pessoas e o meio social no qual vivem. Na Itália, depois da Segunda Guerra Mundial, a comunidade Reggio Emilia, tentava se reerguer, como diversas partes do mundo. Juntaram os restos de tijolos e materiais que ainda eram aproveitáveis e construíram uma escola para as crianças. Todos participaram da construção, tratava de um modelo, pois queriam um mundo participativo.

Um professor, Loris Malaguzzi, encantado, ofereceu-se para elaborar um projeto. Surgiu a filosofia Reggio Emilia, uma pedagogia focada em desenvolver habilidades da criança, criando um sujeito independente, autônomo e confiante em sua capacidade de ser um grande líder, seja qual for o caminho que escolha na vida.

Essa ação italiana nos remete às diversas possibilidades de melhoria para educação, independente do contexto, há muitos modelos educacionais pelo mundo, como por exemplo:

- o modelo dinamarquês, no qual os pedagogos atuam em contextos diferentes e são preparados para áreas de bem-estar, desenvolvimento global, aprendizagem e formação de crianças, jovens e adultos;
- o australiano, que propõe a formação dos estudantes como indivíduos e cidadãos autônomos, críticos e criativos capazes prosperar em um mundo globalizado e tecnológico tendo como exemplo a cultura *maker* que é basicamente o aprender fazendo ou faça você mesmo;
- o sistema finlandês e sua reforma curricular transformadora com apoio governamental. Eles se

concentram em cuidar de si mesmo e gerenciar a vida cotidiana, com ênfase nas habilidades e competências transversais, mas abrangem a competência com tecnologia e a vida profissional.

Todos eles buscaram a melhoria da sua base educacional, com os devidos investimentos, formação de profissionais e reformulação do currículo, puderam colher melhores resultados no processo educacional de suas crianças.

Uma metodologia muito interessante que começa já com a autonomia dos alunos é a Escola da Ponte de Portugal, que segue a filosofia de Dewey em que as escolas devem reproduzir uma microcidade para que os estudantes saiam para o mundo preparados para a vivência. Um dos principais pilares dessa escola é a participação dos alunos. Pode-se dizer que é uma escola do futuro, sem paredes, com liberdade de aprendizagem e protagonismo estudantil.

- Para que isso ocorra, eles vão adequando seu ensino da seguinte forma:
- não existem séries nem disciplinas, mas sim projetos educacionais;
- existem dois currículos, um que trabalha as aprendizagens essenciais como por exemplo, linguística, naturalista, lógico-matemática, artística e outro que determina o desenvolvimento pessoal único de cada pessoa;
- há uma política de acolhimento para os estudantes e professores novos para se adaptarem à metodologia da escola.

Além de 45 dispositivos pedagógicos para que os alunos se expressem: assembleias, jornal mensal com assuntos da escola, grupos de interesse, tudo para que os estudantes possam de fato ter autonomia e desenvolver sua aprendizagem. Não podemos esquecer de Paulo Freire (2000), o qual diz que a aprendizagem não está fixada nem no aluno nem no professor, aprendemos por intersubjetividades, ou seja, comunicação das consciências individuais, umas com as outras, realizadas com base na reciprocidade, ou seja, na socialização.

Mesmo com a cultura pedagógica em constante movimento, o mundo acadêmico e o mundo escolar possuem diferenças e andam em ritmos distintos. O primeiro acumula e substitui teorias acadêmicas umas pelas outras, o segundo possui teorias e práticas mais estáveis e talvez isso dificulte um pouco o processo de mudanças, mas é esse mundo acadêmico que dará ao indivíduo a possibilidade de autoconhecimento e poder crítico para mudar sua realidade, eliminando ou minimizando os legados negativos do século passado, como

a desigualdade e eventos que poderão surgir, como catástrofes geradas pela influência negativa sobre o meio ambiente, como a poluição e o desmatamento.

Uma educação com investimentos reais, mais ampla e de qualidade, que vise dar autonomia ao indivíduo, certamente trará novos horizontes para a humanidade. Nesse contexto, pode-se incluir a educação mais envolvida com os direitos humanos:

A educação em direitos humanos deve ser promovida em três dimensões: a) conhecimentos e habilidades: compreender os direitos humanos e os mecanismos existentes para a sua proteção, assim como incentivar o exercício de habilidades na vida cotidiana; b) valores, atitudes e comportamentos: desenvolver valores e fortalecer atitudes e comportamentos que respeitem os direitos humanos; c) ações: desencadear atividades para a promoção, defesa e reparação das violações aos direitos humanos (Brasil³ 2018, p. 19).

A educação voltada para os direitos humanos possui princípios norteadores que colaborarão para o real do desenvolvimento dos alunos, a saber:

- a educação deve ter a função de desenvolver uma cultura de direitos humanos em todos os espaços sociais;
- a escola como espaço privilegiado para a construção e consolidação da cultura de direitos humanos deve assegurar objetivos e práticas coerentes com os valores e princípios da educação em direitos humanos;
- por seu caráter coletivo, democrático e participativo, deve ocorrer em espaços marcados pelo entendimento mútuo, respeitoso e com responsabilidade;
- deve estruturar-se na diversidade cultural e ambiental, garantindo a cidadania, o acesso ao ensino, permanência e conclusão, a equidade (étnico-racial, religiosa, cultural, territorial, físico-individual, geracional, de gênero, de orientação sexual, de opção política, de nacionalidade, entre outras) e a qualidade da educação;
- deve ser um dos eixos fundamentais da educação básica, além de permear o currículo, a formação inicial e continuada dos profissionais da educação, o projeto político pedagógico da escola, os materiais didático-pedagógicos, o modelo de gestão e a avaliação.

Com ações como a integração dos objetivos, o estímulo junto aos profissionais da educação básica, o desenvolvimento de uma pedagogia participativa, a construção de parcerias, o fomento à inclusão, no currículo

escolar, das temáticas relativas a gênero, identidade de gênero, raça e etnia, religião, orientação sexual, pessoas com deficiências, entre outros, bem como todas as formas de discriminação e violações de direitos, dentre tantas outras ações. Todas essas ações voltadas para a promoção da educação em direitos humanos visam a qualidade do ensino e irão, de modo eficaz, diminuir as desigualdades sociais.

5. Os saberes necessários à educação do futuro

O sistema educacional e o esquema de avaliação de estudantes brasileiros nas instituições estão ultrapassados. Um exemplo dessa realidade é visto dentro da SEEDF, uma vez que, em geral, alunos fazem provas para atingir uma média mínima de cinco pontos para serem promovidos de ano. Há muitos questionamentos sobre esse sistema avaliativo, já que a educação tende a evoluir, mas não o fez ainda. Uma prova disso é a 59ª posição ocupada pelo Brasil, em 2022, na avaliação do Programa Internacional de Avaliação de Estudantes (PISA). Essa colocação reforça o quão a educação brasileira precisa sair desse atraso gerado por diversos fatores, entre eles a falta de investimento dos governos em educação de qualidade, com princípios éticos e fortalecedores dos pilares da educação, que conforme Delors (1998), são quatro: *aprender a conhecer*, *aprender a fazer*, *aprender a conviver* e *aprender a ser*.

O primeiro pilar da educação é o *aprender a conhecer*, que significa adquirir os instrumentos da compreensão. Como o conhecimento é múltiplo e está em constante evolução, torna-se cada vez mais inútil tentar conhecer tudo. “O processo de aprendizagem do conhecimento nunca está acabado e pode enriquecer-se com qualquer experiência” (Delors, 1998, p. 90-92). Ao aprender como descobrir e capturar novas informações, buscar maneiras de descobrir e conhecer diversos assuntos, os indivíduos são incluídos no universo do saber, aprendendo com exercícios de memória, atenção e pensamento independente.

O segundo refere-se ao *aprender a fazer*, para assim poder agir sobre o meio envolvente, objetivando adquirir não somente uma qualificação profissional, mas, de uma maneira mais ampla, competências que tornem a pessoa apta a enfrentar numerosas situações e a trabalhar em equipe, com reflexos também no âmbito das diversas experiências sociais ou de trabalho que se oferecem aos jovens e adolescentes (*ibid*, p. 93). Basicamente é colocar em prática o aprendizado adquirido. Muito útil nas diversas experiências sociais ou de trabalho, tanto individualmente como em equipe. O indivíduo precisa aprender, aplicar e desenvolver práticas cada vez melhores para estar adaptado à evolução da sociedade e das tecnologias.

O terceiro pilar consiste em *aprender a conviver*, a fim de participar e cooperar com os outros em todas as atividades humanas, desenvolvendo a compreensão do outro e a percepção das interdependências, realizando projetos comuns e preparando-se para gerir conflitos, observando-se o respeito pelos valores do pluralismo, da compreensão mútua e da paz (*ibid*, p. 96-97). Esse é um dos pilares mais difíceis, pois vivemos numa sociedade diversa, polarizada e desenvolver a compreensão do outro e a percepção das interdependências – realizar projetos comuns e preparar-se para gerenciar conflitos, com respeito pelos valores do pluralismo, da compreensão mútua e da paz –, não é fácil, pois envolve a convivência de diferentes pensamentos e grupos, com atitudes e valores distintos.

O quarto pilar é *aprender a ser*, integra os três precedentes, para melhor desenvolver a personalidade e estar à altura de agir com cada vez maior capacidade de autonomia, de discernimento e de responsabilidade pessoal (*ibid*, p. 99-100). Esse pilar leva em conta as potencialidades e individualidades de cada indivíduo, para desenvolver a personalidade e estar em condições de agir com uma capacidade cada vez maior de autonomia, discernimento e responsabilidade pessoal, ou seja, incentivar a todos para que possam descobrir quem são, com a possibilidade de pensar de forma autônoma e crítica.

Essa perspectiva deve, no futuro, inspirar e orientar as reformas educacionais, seja na elaboração dos programas ou na definição de novas políticas pedagógicas, como por exemplo *Os sete saberes necessários à educação do futuro*, de Edgar Morin (2001). Apesar de não estar em nenhum programa educacional, essa obra aborda especificidades de todos os níveis escolares, que dizem respeito às falhas apresentadas na educação, que são ignoradas, subestimadas ou fragmentadas, mas deveriam ser o foco da formação educacional de qualquer cidadão.

Os sete saberes indispensáveis, enunciados por Morin (2001), constituem eixos e, ao mesmo tempo, caminhos que se abrem para reflexão da educação e do futuro das crianças e adolescentes. Tais saberes começam com a busca pelo conhecimento, ou seja, a capacidade humana de entender, apreender e compreender, para criar, aplicar e experimentar coisas novas. No entanto, é pertinente lembrar que não há conhecimento sem a possibilidade de falhas, uma vez que os problemas do conhecimento são o erro e a ilusão. No erro, o indivíduo engana-se sozinho, a afetividade é um fator inerente ao erro, talvez se não houvesse emoção, o erro seria eliminado. Na ilusão, há o engano dos sentidos ou da mente, que faz com que se interprete um fato ou uma sensação de maneira errônea, ou seja, uma ideia real é trocada por uma ideia falsa.

Se partirmos para o campo das ideologias, perceberemos que o conhecimento está passível de erro e

ilusão, uma vez que os sentimentos e as nossas paixões podem fortalecer o conhecimento, mas também podem induzir ao erro e à ilusão, visto que o conhecimento é sempre uma tradução seguida de uma reconstrução. Recebemos os estímulos que são transformados e decodificados, transportados a um outro código que será traduzido em uma percepção.

Vamos analisar o exemplo da visão de uma criança. Entre os 8 e 11 anos, eu olhava para as coisas e pessoas e costumava acreditar que eram muito grandes. Depois, quando cresci, percebi que as pessoas que eu considerava muito altas, não eram tão altas assim. Um prédio de um templo religioso que havia visto não era o maior prédio que existia, mas quando era pequena, minha visão captava aquelas imagens como sendo maiores do que elas realmente eram, aquela era minha percepção infantil das coisas e das pessoas, que depois foram mudando com a idade, o aprendizado e o entendimento.

Assim também se dá com o conhecimento, podemos ter uma percepção errada sobre determinado assunto, o que gera o risco de erro. Por exemplo, campanhas políticas recheadas de *fake news*, como as que aconteceram no Brasil em 2022, podem induzir as pessoas ao erro e à ilusão.

Nesse sentido, a educação tem a função de ensinar que o problema do conhecimento não deve ficar restrito aos filósofos, essa problemática também pode se destinar a todos para cada um explorar as possibilidades de erro e poder ver a realidade como ela realmente é. Não existe uma fórmula mágica para isso, apenas buscar entender que toda realidade é passível de erro.

O conhecimento pertinente é um conhecimento que não mutila seu objeto e isso implica colocar o conhecimento adquirido num contexto. Para esse tipo de conhecimento, são necessárias inter-relações, uma vez que a interdisciplinaridade entre as disciplinas escolares é necessária para se ter uma visão do conjunto do aprendizado.

Morin (2001, p. 23) usou como exemplo a economia, uma das mais avançadas ciências humanas. O grande problema da economia é justamente entender que o fator econômico se relaciona com o humano e por sua vez, se liga à sociedade, à psicologia, à mitologia e essa realidade é multidimensional. Por isso, é necessário contextualizar todos os dados, para não haver erro e quando houver, saber como agir para a correção ou amenização do acontecido.

Na educação, a fim de se alcançar o desenvolvimento dos estudantes, a interdisciplinaridade deve ser buscada, assim, o que a criança estuda em geografia e história pode e deve estar ligado aos conhecimentos de língua portuguesa, arte e até matemática. Todos esses conhecimentos compartilhados facilitarão a compreensão e a contextualização do aprendizado do estudante e da formação de sua identidade.

Ao se falar em identidade humana, passa-se pela nossa cabeça o nosso modo de ser no mundo, mas é curioso o que Morin (2001) traz sobre a identidade humana. Para o autor, nossa identidade é ignorada pelos programas de instrução, a realidade humana é indecifrável, alguns aspectos até são estudados em biologia ou em psicologia, ainda assim continuamos sendo um enigma.

Somos uma espécie, a espécie está em nós e depende de nós. Se não nos relacionarmos sexualmente com outros indivíduos do sexo oposto, a espécie some. É como uma trindade em que um está presente no outro. É preciso ensinar a unidade dos três destinos, somos indivíduos e somos fragmentos da sociedade e da espécie a qual pertencemos, sem nós não haveria sociedade que vive das interações entre os indivíduos. O problema é que ou vemos a unidade do gênero e esquecemos a diversidade das culturas, dos indivíduos ou vemos a diversidade das culturas e não vemos a unidade do ser humano.

Algumas ações como sorrir e chorar são inatas à condição humana, já outras como o desenvolvimento das ciências e a literatura são habilidades aprendidas. Para a ciência, somos categorias e não indivíduos sujeitos a emoções, paixões e desejos e isso nos faz entender que a vida não é aprendida somente nas ciências, também aprendemos por meio das experiências do cotidiano. Além disso, as artes e a literatura ensinadas nas escolas nos fazem refletir a complexidade do ser humano e de seus infinitos sonhos.

Ao parar e olhar para a natureza, nos vemos diante de um espetáculo lindo e isso nos toca como indivíduos. Cada um sentirá de um jeito, seja ele aprendido na escola ou pelas experiências que a vida apresenta, é como uma bela poesia, por exemplo, cada um a sentirá de forma muito singular. A escola tem esse poder de nos ensinar que o homem não se define somente pelo trabalho, mas pelo jogo, somos múltiplos, envolvendo lazer, economia, crenças. Assim vamos aprendendo, ensinando e habitando prosaicamente a terra, buscando compreender melhor nossa identidade.

Nessa busca da compreensão humana, muitas vezes nos deparamos com questionamentos como: por que vizinhos discutem por causa do som alto? Por que as torcidas de futebol brigam? Por que crianças brigam na escola? Outro aspecto abordado por Morin é justamente sobre a compreensão humana. O que significa compreender? A palavra vem do latim *comprehendere* e significa colocar todos os elementos de explicação. O que permite a verdadeira comunicação humana é que compreender vai além de colocar as diversas explicações, compreender comporta empatia e identificação. Para além da compreensão, há o egocentrismo, o egoísmo, a falta de inteligência e a visão unilateral que atrapalham a comunicação, impedem a compreensão e reduzem o outro.

Há, nas escolas de ensino médio do Distrito Federal, o componente curricular chamado *Projeto de Vida*⁴, que busca justamente fazer com que os alunos compreendam a si mesmos e o mundo à sua volta. Esse projeto pode ser positivo se olhado sob o aspecto da aprendizagem da compreensão de si mesmo e dos outros. A escola buscando adequar o currículo para a vida, certamente na intenção de minimizar as dificuldades de relacionamento e incertezas que os seres humanos vivem no mundo moderno, por meio do autoconhecimento e da compreensão do indivíduo.

O que é o certo e o que é o incerto é um tanto quanto duvidoso. Segundo Morin (2001), na escola ensinava-se apenas certezas, mas a ciência tem abandonado o elemento mecânico para assimilar o equilíbrio entre certeza e incerteza. Até porque na vida não há tantas certezas e conforme ele mesmo diz é necessário mostrar o surgimento do inesperado. E mais ainda é preciso saber lidar com o que se é apresentado, pois pode ser algo que não se esperava, então surge a necessidade de manter diálogos com as hipóteses.

A mãe que se muda de cidade na expectativa de uma vida mais promissora para os filhos pequenos, que não têm escola onde moram, mas que na nova cidade podem frequentar regularmente uma escola, ter acesso a uma educação, mínima que seja, é um exemplo disso. A expectativa dessa mãe é de que com acesso às aulas as crianças possam crescer e evoluir enquanto cidadãos. Não é de fato uma certeza, mas a possibilidade do aprimoramento individual aumenta muito as chances de alguém estar mais preparado para a vida devido ao fato de ter frequentado uma escola, porque a educação pode transformar vidas e o meio no qual essas vidas estão inseridas.

Para Morin (2001), o homem não é meta da evolução, mas sim parte do processo e conforme a teoria de Darwin, foi uma evolução composta de ramificações a exemplo do mundo vegetal e o mundo animal. As incertezas podem acontecer a qualquer momento, como o meteoro que extinguiu os dinossauros, ou mesmo as guerras que destroem e fogem ao controle, gerando resultados inesperados. A história humana está repleta de incertezas e devemos estar preparados para os imprevistos. Assim, é necessário ter consciência de que as decisões devem ser tomadas contando com o risco do erro e estabelecer estratégias que possam ser corrigidas no processo da ação, a partir dos imprevistos e das informações que se tem nesse mundo, moderno, globalizado e cheio de condições que colocam em risco o próprio planeta Terra.

A globalização começou na metade do século XVI, mudando completamente a condição planetária, de lá para cá a relação com o meio ambiente e a vida tem piorado em muitos aspectos. Tudo mudou numa velocidade que não conseguimos acompanhar, a destruição e

também as informações que chegam até nós, estamos na era da tecnologia, tudo é muito rápido, estamos cheios de conteúdos na imensa maioria das vezes inúteis. Morin diz que “Conhecer o nosso planeta é difícil: os processos de todas as ordens, econômicos, ideológicos, sociais estão de tal maneira imbricados e são tão complexos que é um verdadeiro desafio para o conhecimento. Já é difícil saber o que acontece no plano imediato” (*ibid.*, p. 10). Estamos impacientes, mais destrutivos, produzindo mais lixo, consumindo em excesso. Vai chegar a um ponto em que não conseguiremos mais ter controle.

Diariamente nos são ensinados meios para proteger o meio ambiente, mas a todo momento também nos são dados produtos que destroem esse mesmo meio ambiente que queremos preservar, mas não temos consciência de como fazê-lo verdadeiramente. Para Morin (2001), precisamos ensinar as dificuldades como um todo, e não como um só os problemas importantes, sejam ecológicos, a falta de alimentos, a demografia etc., precisamos entender que os problemas estão todos amarrados uns aos outros e que realmente corremos risco de extinção.

Os movimentos sociais como o *Greenpeace*⁵ abordam constantemente o problema de uma possível extinção devido à falta de recursos naturais em função da destruição do meio ambiente, a essa destruição estão atrelados muitos outros como a falta de alimentos, as economias das superpotências mundiais e as guerras. A história precisa de tempo para podermos absorver e compreender os problemas para solucioná-los, mas nessa era moderna, tempo é o que não temos. Como lidar com esses problemas todos? A humanidade precisa entender que agora é uma comunidade de destino comum e agir com ética.

O aspecto antropológico levanta os problemas da moral e da ética, diferentes entre culturas e na natureza humana. A antropológica não faz sentido se não for na democracia, pois o cidadão, na democracia deve se sentir solidário e responsável. Ela permite uma relação indivíduo-sociedade onde possa desenvolver ao mesmo tempo, uma autonomia pessoal – as nossas responsabilidades pessoais – e desenvolver uma participação social – as responsabilidades sociais – e a nossa participação no gênero humano, pois compartilhamos um destino comum.

Na escola aprendemos a ter responsabilidade, desde pequenos, com nossos materiais, com os livros, a ter respeito com os colegas, aprendemos a dividir e a participar ativamente das atividades, isso é levado para a vida como cidadão ativo. Quando o indivíduo não assimila que seu comportamento em sociedade deve ser responsável e democrático, surgem os ditadores, as séries de desinformação, famosas *fake news*, os golpes políticos, o que se pode observar na trajetória política brasileira.

Indivíduos que pensam em desunião, desinformação e divisão na luta diária que enfrentamos para

conscientizar as pessoas dos diversos problemas, como por exemplo a covid-19 e o extermínio de minorias. Essas pessoas com tendência a ditadores, atrapalham muito a resolução dos conflitos que já temos. Por outro lado, há grupos não governamentais que estão trabalhando em prol da conscientização e da ética humana para tornar o mundo melhor e mais civilizado, ou seja, pessoas conscientes de suas obrigações enquanto cidadãos que habitam o planeta terra.

Conclusão

A escola é o melhor lugar para aprender, seja para lidar com nossas escolhas profissionais, seja para o simples fato de termos consciência política e votarmos em políticos que apoiam um sistema democrático ou termos consciência da nossa classe social, como trabalhadores ou donos do capital.

É com a educação formal que vamos descobrir a história da humanidade, que vamos estudar a hegemonia do capital, que saberemos lidar com a manipulação das classes, a opressão; que aprenderemos a lutar para obtermos conquistas. Na escola também aprenderemos sobre autonomia e autorrealização enquanto indivíduo.

A educação formal é fundamental para nós como indivíduos e como coletivo. Nos ajuda a entender os conhecimentos pertinentes para a vivência em um mundo unificado e integrado, pois sem esse conhecimento a raça humana estará à beira da de um colapso humanitário e talvez de sua extinção planetária.

No mundo contemporâneo, para a pessoa ser reconhecida cidadã, necessita adquirir pré-requisitos que a preparem para compreender o mundo em que vive, e não ficar à margem da sociedade. A escola contemporânea é submissa à educação que prepara para o trabalho, porém é imprescindível para além do ensino que adentra apenas para o trabalho, uma escola que fuja ao treinamento exclusivo para essas tarefas mecânicas e corriqueiras. É necessário, uma escola que prepare os estudantes para entender os problemas que afetam a sociedade contemporânea, que os direcione para a uma cultura de base científica que articule de forma unificada para serem capazes de entender as tecnologias para além do domínio técnico-operativo, uma educação pensada para o futuro, mas que comece a fazer mudanças no presente, uma educação básica para assegurar e garantir aos cidadãos direitos humanos e equidade.

Assim sendo, é imprescindível uma educação que almeje a apresentar uma metodologia por meio de projetos pedagógicos, que as aprendizagens permitam um conhecimento colaborativo e com estratégias educacionais desenvolvidas para o cotidiano em que os estudantes estão inseridos, em busca de resultados concretos para a melhoria do processo educacional. ■

Notas:

- ¹ São objetivos de desenvolvimento sustentável com grandes temas que impactam a vida de todos em sociedade, envolvendo o estado completo de bem-estar físico, mental e social.
- ² O Grupo de Estudos em Ecopedagogia e Educação Popular (GEEEP) é um espaço de encontro e socialização de ideias ligadas a propostas educacionais alternativas ao modelo formal vigente. Foi criado a partir da reunião de estudantes de biologia que se engajaram em colocar suas vontades em prática.
- ³ Plano Nacional de Educação para os Direitos Humanos, 3ª impressão, publicada em 2018 (Brasil, 2018).
- ⁴ O *Projeto de Vida* é um componente curricular do Novo Ensino Médio, previsto pela Lei nº 13.415/2017, que alterou a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (Lei nº 9.394/1996). O Projeto de Vida é considerado como uma estratégia pedagógica cujo objetivo é promover o autoconhecimento do estudante e sua dimensão cidadã, de modo a orientar o planejamento da carreira profissional almejada, a partir de seus interesses, talentos, desejos e potencialidades.
- ⁵ O *Greenpeace* é uma organização ambiental que existe porque o planeta e seus ecossistemas precisam de quem os defenda. Atua no mundo todo, está no Brasil há mais de 30 anos denunciando e confrontando governos, empresas e projetos que incentivam a destruição da Amazônia e ameaçam o clima global.

Referências

- ÁLVAREZ, Luciana. **Antônio Nóvoa: aprendizagem precisa considerar o sentir.** [Entrevista, 2021]. Disponível em: <https://revistaeducacao.com.br/2021/06/25/antonio-novoaaaprendizagem-sentir/>. Acesso em: 8 jul. 2023.
- ALMEIDA, Ana Maria Galvão de Barros; ALMEIDA JUNIOR, Fernando Frederico de. Jacques Delors e os Pilares da Educação. **Revista Científica Multidisciplinar Núcleo do Conhecimento.** ano 3, Ed. 3, v. 2, p. 12-25, mar., 2018. ISSN: 2448-0959. Disponível em: <https://www.nucleodoconhecimento.com.br/educacao/pilares-da-educacao>. Acesso em: 9 jul. 2023.
- BORDENAVE, Juan Diaz; PEREIRA, Adair Martins. **Estratégias de ensino aprendizagem.** 4ª ed. Petrópolis: Vozes, 1989.
- BRASIL. Comitê Nacional de Educação em Direitos Humanos. Ministério dos Direitos Humanos. **Plano Nacional de Educação em Direitos Humanos.** 3ª impressão simplificada. Brasília, 2018.
- BUSCH, Alexander. **Brasil ocupa último lugar em educação, entre 63 países.** Disponível em: <https://noticias.uol.com.br/ultimas-noticias/deutschewelle/2022/06/29/brasil-ocupa-ultimo-lugar-em-educacao-entre-63-paises.htm?cmpid=copiaecola>. Acesso em: 7 jul. 2023.
- COUTINHO, Renato Xavier; FOLMER, Vanderlei; PUNTEL, Robson Luiz. Aproximando universidade e escola por meio do uso da produção acadêmica na sala de aula. **Ciência & Educação,** Bauru, v. 20, n. 3, p. 765-783, 2014. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ciedu/a/Zhb4V3fYBxvHTRYnSqYjLsy/?format=pdf>. Acesso em: 10 jul. 2023.
- DELORS, Jacques (Coord.). **Educação: um tesouro a descobrir: Relatório para a UNESCO da Comissão Internacional sobre Educação para o Século XXI.** Tradução de Guilherme João de Freitas Teixeira. Brasília: Unesco, 2010.
- DELORS, Jacques. **Educação: um tesouro a descobrir.** Tradução de José Carlos Eufrázio. São Paulo: Cortez, 1998.
- DELORS, Jacques et al. **Learning: the treasure within; report to UNESCO of the International Commission on Education for the Twenty first Century (highlights).** Tradução de Guilherme João de Freitas Teixeira. Paris: UNESCO, 1996.
- DISTRITO FEDERAL. Secretaria de Estado de Educação do Distrito Federal. **Currículo em Movimento da Educação Básica: pressupostos teóricos.** Brasília, 2014.
- DISTRITO FEDERAL. Secretaria do Estado de Educação do Distrito Federal. **Caderno Orientador Projeto de Vida Novo Ensino Médio.** Disponível em: https://www.educacao.df.gov.br/wp-content/uploads/2021/11/Caderno_orientador_Projeto_de_Vida_NOVO_ENSINO_MEDIO_1.pdf. Acesso em: 20 ago. 2023.
- FREIRE, Paulo. **Educação e Mudança.** Coleção O Mundo hoje, vol. 36. São Paulo: Paz e Terra, 1979.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido.** 17ª ed. São Paulo: Paz e Terra, 1987.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa.** 15ª ed. São Paulo: Paz e Terra, 2000.
- GADOTTI, Moacir. **Pedagogia: diálogo e conflito/Moacir Gadotti, Paulo Freire e Sérgio Guimarães.** 4ª ed. São Paulo: Cortez, 1995.

- GADOTTI, Moacir. **Pensamento Pedagógico Brasileiro**. 8ª ed. revisada e ampliada. São Paulo: Ática, 2009.
- GREENPEACE. **Brasil**. Disponível em: <https://www.greenpeace.org/brasil/>. Acesso em: 20 jun. 2023.
- JUUL, Jytte Jensen; HADDAD, Lenira. O Programa de Formação de Pedagogos na Dinamarca: Especialização em Pedagogia da Primeira Infância. Article in *Poiésis - Revista do Programa de Pós-Graduação em Educação*. Unisul, Tubarão, v. 12, n. 21, p. 9-31, jan./jun., 2018. Disponível em: <https://portaldeperiodicos.animaeducacao.com.br/index.php/Poiesis/article/view/6679/3933>. Acesso em: 17 abr. 2023.
- MALAGUZZI, Loris. História, ideias e filosofia básica. In: EDWARDS, Carolyn, GANDINI, Lella, FORMAN, George. **As cem linguagens da criança**: a abordagem de Reggio Emilia na educação da primeira infância. Porto Alegre: Artes Médicas Sul, p. 59-104, 1999. Disponível em: <https://home.unicruz.edu.br/seminario/anais/anais>. Acesso em: 9 abr. 2023.
- MANDAIO, Cláudia, GARBELLINI, Marisa. Currículo e Tecnologias na Educação Australiana. **Tecnologias, sociedade e conhecimento**. v. 7, n. 2, Unicamp, dez., 2020.
- MÉSZÁROS, István. **A educação para além do capital**. São Paulo: Boitempo, 2005.
- MORIN, Edgar. **Os sete saberes necessários à educação do futuro**. 3ª ed. São Paulo: Cortez, Brasília, 2001.
- MORIN, Edgar. As cegueiras do conhecimento: o erro e a ilusão. **Revista Eletrônica de Divulgação do ensino de biologia e ciências**. Núcleo Viva Ciências. Disponível em: <https://terrabrasilisdidaticos.com.br/wp-content/uploads/2020/06/Texto2aula3.pdf>. Acesso em: 3 jun. 2023.
- MUURI, Maria. Inovações em Educação. **6 princípios que fazem da educação na Finlândia um sucesso**. 6 set. 2018. Disponível em: <https://porvir.org/6-principios-que-fazem-da-educacao-na-finlandia-um-sucesso>. Acesso em: 6 jul. 2023.
- O ÚLTIMO VAGÃO. Direção: Ernesto Contreras. Produção: Woo filmes. México, Netflix, 2022.
- ONU. Organização das Nações Unidas no Brasil. **Agenda 2030**: erradicação da pobreza. Disponível em: <https://brasil.un.org/pt-br/sdgs/1>. Acesso em: 7 jul. 2023.
- ROCHA, Geovane dos Santos da; RUFATO, Fabrício Duim; ROSSETTO, Elisabeth. **A educação como instrumento de transformação social**, vol. 1. Conedu. Disponível em: https://editorarealize.com.br/editora/ebooks/conedu/2021/ebook1/trabalho_ev150_md7_sa100_id3769_29092021122140.pdf. Acesso em: 16 abr. 2023.
- UNIVERSIDADE ESTADUAL DE LONDRINA. **A Metodologia da Problematização e suas etapas**. GEEEP - Grupo de Estudo em Ecopedagogia e Educação Popular. Disponível em: <https://tinyurl.com/56em79vb>. Acesso em: 6 jun. 2023.